

13.

## Século XXI – Região do Saara e do Sahel – conhecimento no tempo

*When I was a small child, I used to go with [my mother] wherever she was going. On arrival, if [my parents] were entertaining, we used to sit together; whatever they were saying, I must say. If I wanted to go to sleep, even then she would tell me, "Open your eyes and listen to what is being said; join the chorus." They were praising high; I would do the chorus until I became firm on it and used to it, until I could do it on my own.<sup>26</sup>*

Griots e griotes começam muito cedo sua formação, seu aprendizado é, em grande medida, informal, e dura uma vida toda. De modo geral, desde cedo, acompanham seus pais, ou tios, em suas apresentações, apenas respondendo às linhas cantadas por seus familiares, respostas de confirmação ao que está sendo dito, e ouvindo repetidamente as histórias. Nesta região, todos os que fazem parte da família do pai são também considerados pais, e, na ausência dele, tornam-se responsáveis por seu filho. Da mesma maneira acontece à família da mãe. As famílias são grandes organizações, estruturadas de forma a se auxiliarem, e não deixarem as crianças sem referências ou sem cuidados.

Em tudo o que li, vi e ouvi, percebi que uma outra forma de aprendizado acontece, ainda anterior a isso. É uma prática comum entre as pessoas desta parte da África se reunirem para conversar e contar histórias. Nestas rodas de conversa, as crianças estão sempre presentes e desde muito cedo, aprendem a ouvir. Talvez o som entre pelos ouvidos sem muita forma quando ainda muito pequenos, e aos poucos o tempo vá moldando o sentido. Ouvir é uma prática aperfeiçoada com o tempo, ela determina a criação de um corpo que se deixa tatuar pelo mundo, um corpo que conta, um corpo que traz em si tempos diferentes: o tempo sobre o qual fala, o tempo em que ouviu, e o tempo em que está contando. Tudo se transforma em presente, a memória é uma ação em movimento.

Sotigui conta que um homem de teatro, francês, muito respeitado, em 1999, disse que antes da colonização não havia teatro na África. Segundo Sotigui, este é um grande encano causado pelo preconceito e falta de informação.

---

<sup>26</sup> Fala de Jali musaloo Suso em EBRON, Paulla A. *Performing África*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2002. p.147.

Acontece que não há, na África Ocidental, como há na maior parte do mundo, uma palavra para designar teatro, a palavra é usada para o que chamamos de teatro é *nyogolon* – que significa, nos conhecer. Quando vão ao teatro, estes africanos dizem – vou aclarar minha visão, o teatro é uma experiência de conhecimento. Somos muitas vezes selvagens diante do que não conhecemos, e menos ainda, compreendemos. Os griots, com sua arte e sua performance proporcionam uma possibilidade de conhecimento, uma oportunidade de se ter a visão aclarada, portanto, uma oportunidade de ampliação. Vi diversas fotos de teatros, alguns estão em espaços abertos, sem paredes, mas com um pequeno muro, junto ao chão, que o delimita. O palco fica num espaço um pouco mais alto para que a platéia possa ter uma visão melhor. Não há, nestes pequenos teatros, nenhuma estrutura de luz e som, e quem está fora dele, pode comodamente assistir à apresentação. De modo geral, a vida, na região do Saara se dá ao ar livre, é uma vida gregária, as portas se abrem com facilidade, faz-se comida do lado de fora das casas, há grandes mercados nas ruas. A rua é dos encontros.

O guitarrista e escritor Banning Eyre, que passou alguns meses, entre 1995 e 1996, no Mali, aprendendo guitarra com o griot Djelimadi, escreve em seu livro *In griot time* sobre os diversos bares nos quais tocou, estes sim, locais com estrutura de som e luz, e diz da capital:

*Bamako close down dead at night, and the sleeping city seemed almost unfamiliar. During the Day, the área around the Buffet was a carnival, with Young boys Hawking watercolor greeting cards, Bambara-Franch dictionaries, maps or cartons of music cassettes... In the crowded central market just down Rue Mohammed V, vendors displayed plastic bags of dry green medicinal leaves, blue rubber sandals, straw sweepers, beat up metal bowls full of nuts, grains, and sulfurous dried datu plant, piled up slabs of rank fish, freshly butchered sheep and cow parts, live chickens, coiled-straw pot scrubbers, shiny White softballs of laundry soap, pyramids of metal cook pots and serving dishes arranged by size, towers of brightly colored plastic cups, plates bowls, and buckets, stacked lawn chairs, awnings shingled with visor caps proclaiming Chicago Bulls, Madonna, Marlboro, and other foreign interests, little piles of tomatoes, tiny onions, potatoes, roots, oranges, melons, papayas, and mangos.*

Em contraste, Michel Leiris, escreve em seu diário, no dia 4 de agosto de 1931: "Bamako: encostas verdejantes, paisagem muito agradável nesta estação. Centro não muito grande; entes termas."

Numa família de griots, a criança está diariamente exposta aos valores e aos sons da vida de um griot. Os jovens griots recebem um tratamento diferente das outras crianças. Uma criança jamais pode confrontar outra que venha de família griot, como fazem as crianças naturalmente. Não podem também entrar em disputas para mostrar suas habilidades físicas ou tomar parte em pequenas rixas comuns entre meninos. A estes pequenos cabem outras diversões, que já os prepara na sua função. Eles são muito estimulados a se apresentarem em público, e lhes é permitido, mais do que às outras crianças, observarem as festas e outros entretenimentos que fazem parte do mundo adulto. Sua educação inclui, desde muito cedo, o aprendizado do lugar exato que o griot ou a griote ocupam na sociedade em que vivem.

Dos sete aos treze anos, fazem um estudo mais focado tanto da voz, quanto de um instrumento. Até os quatorze anos, griots e griotes participam como músicos acompanhantes nas sessões de contação feitas por membros de suas famílias. Depois disso, estes pequenos artesãos passam um tempo com o professor de seu pai ou mãe. Aos vinte e um anos começam a trabalhar como um griot viajante, conhecem outros lugares e pessoas, encontram-se com outros griots para aprender mais e diferentes coisas, ou então, vão a um centro de atividades griot, para mais um período de treinamento. Por volta dos quarenta ou cinquenta anos, as pessoas mais talentosas e respeitadas passam a ser conhecida como griots mestres – *ngaraw* - e podem ser ouvidas nas rádios e na TV, passam a ser reconhecidos como tesouro da cultura nacional, e têm a função de treinar novos griots.

Nesta parte da África, a idade é um bem, os mais velhos são muito respeitados. Segundo sua tradição, um homem só é capaz de opinar sobre algum assunto depois dos 42 anos, até lá, ele está ainda em formação e sua palavra não tem consistência. Como muito do aprendizado das habilidades de um griot se dá de maneira informal, muito escapa ao que está aqui escrito. Nem sempre são os pais e mães os mestres de seus filhos, mas alguém que faz parte da família, próximo ou distante. É comum, também, alunos pagarem para ter lições com mestres a quem admiram. O aprendizado não é fácil, e aqueles que não se sentem capacitados, buscam outras profissões, embora mantenham, ainda assim, uma relação singular com a palavra.

Kéla e Kita, no Mali; Siguiri e Niagassola, na Guiné; Liboré e Dibilo, no Níger; Sotuma Sere e Birkama, na Gâmbia são cidades onde há uma grande concentração de griots e onde se pode encontrar centros dirigidos por mestres griots que oferecem um treinamento avançado para instrumentistas, genealogistas, ou para aqueles que buscam algum conhecimento oculto, que não é facilmente divulgado. Estes centros não podem ser vistos como escolas formais, da maneira que nós, ocidentais, as pensamos. São lugares onde os estudantes encontram seus tutores, conversam e tiram dúvidas. Jovens e velhos griots se encontram e trocam experiências, discutem interpretações e técnicas, e fazem apresentações uns para os outros. A instrução é paga em dinheiro ou em trabalho nos campos. Apesar de sua arte ser abrangente, e sua formação lhes proporcionar um aprendizado vasto que lhes torna competente nas diversas áreas que compõe seu repertório, os griots se especializam num campo específico, no qual buscam excelência, a fala, o canto ou o instrumento. Para as griotes é diferente, elas se dedicam à fala e se especializam no canto, na maior parte das vezes. De modo geral, o único instrumento que as mulheres tocam é um instrumento percussivo chamado *nege* ou *karignan*.

As escolas privadas ou públicas tem como foco principal preparar os griots para sua prática – *jalaiya* - e também oferecer treinamento aos estrangeiros, os estudantes não precisam ser de origem griot. A ênfase maior é na música, os instrumentos utilizados pelos griots não são fáceis de serem tocados, especialmente a *korá*, com suas 21 cordas. Estes centros ajudam a manter a tradição e dão apoio aos griots, que tornam-se seus professores. Em Dakar, no Senegal, há a mais antiga escola pública de artes da África Ocidental, que tem hoje o nome de Conservatoire Nationale de La Musique, de La Danse e de l' Art Dramatique, e faz parte também do Conservatório, um departamento de artes plásticas. Há, nesta escola, já de formato mais ocidental, uma divisão entre música moderna e tradicional. Mesmo assim, as artes se integram, griots e não griots estão por ali aperfeiçoando a prática de seus artesanatos.

Pelo que pude observar, a arte da fala é a que tem seu ensinamento menos formalizado, mais pessoal, a construção da performance se dá de maneira particular, através do convívio e do amadurecimento individual.

A fala dos griots e griotes se distingue por combinar a arte poética com um poder difícil de ser definido, o *nyama*, a força oculta que está em todas as coisas. São muitas as línguas que fazem parte do Mande, as traduções, embora o convívio entre diferentes línguas ali seja comum, não conseguem ser precisas, o sentido exige uma vivência na cultura, por isso, para estrangeiros, ele muitas vezes escapa ou se reduz. Assisti alguns griots fazendo suas apresentações em inglês ou francês, mas ainda assim, mesmo que as palavras em outra língua sejam escolhidas por eles, a compreensão mais profunda é difícil, não depende apenas dos significados das palavras. E perde-se, de toda a maneira, a musicalidade da língua original. Mas, nem por isso, ouvi-los é menos interessante.